

## A DOENÇA DOS 25 ANOS

Cap. LUIZ PAULO MACEDO CARVALHO

De uns anos para cá, um mal infectocontagioso, que está assumindo alarmantes proporções epidêmicas, surgiu ameaçando infligir pesadas baixas às fileiras do Exército. De fundo mais psico-social do que biológico, é conhecido como a "doença dos 25 anos".

Em geral, quando não mata o paciente deixa uma imperecível cicatriz que se caracteriza por uma profunda apatia absoluta, por todos e por tudo, tornando-o assim inválido para a carreira das armas.

O período de incubação desta perigosa enfermidade varia muito e o processo pelo qual se transmite com intensa rapidez aparentemente desconhecido é bastante óbvio, uma vez diagnosticada a sua causa. Manifesta-se através de acessos rápidos mas violentos.

Quase todo oficial de quociente intelectual normal traz consigo o seu vírus em estado latente, o que o converte em uma vítima em potencial.

Seus primeiros sintomas apresentam-se despercebidamente, após o oficial completar dez anos de serviço. Normalmente, a moléstia atinge seu período agudo quando o doente alcança a maturidade cronológica e profissional, isto é, por volta de trinta a quarenta anos de idade e entre vinte e vinte e cinco anos de efetivo serviço — daí o seu nome.

Incide com maior freqüência sobre Capitães, Majoress e Tenentes-Coronéis, em tese, portadores de "curricula vitae" que inclui considerável tempo arregimentado, alguns anos de instrutor, referências elogiosas abundantes em adjetivos qualificativos, menções "Bem" e "Muito Bem" em diversos cursos de pós-graduação, vastíssima experiência em trabalhos de administração, estado-maior e técnico, e até mesmo citações especiais e medalhas (nacionais e estrangeiras) recebidas por atos de bravura, em campanha, durante a II Guerra Mundial.

Entretanto, a primeira vítima desta insidiosa moléstia é o militar em sua essência. As manifestações iniciais do mal ocorrem, repentina e ordinariamente, por exemplo, ao final de uma estafante jornada, quando um comandante de subunidade entra em seu PC e depara com a seguinte manchete no "Noticiário do Exército", sobre sua mesa: "NÚMERO DE VAGAS FIXADO PELA CPO PARA O PRÓXIMO TRIMESTRE, EM TÔDAS AS ARMAS... MAJOR — 3, TENENTE-CORONEL — 1..." De imediato, lamentavelmente, conclui o jovem oficial que passará mais dez anos no seu atual pósto. Esboça-se na sua imaginação, naturalmente,



um melancólico quadro no qual vislumbra a carreira (que entusiasticamente abraçou de corpo e alma, devotando-lhe o tesouro mais precioso que teve em suas mãos — a mocidade) perder-se em um horizonte sombrio. De súbito, fere-lhe a mente uma idéia, estabelecendo-se um conflito íntimo no seu consciente — valerá a pena continuar a trilhar esta senda pontilhada de sacrifícios e abnegação ?

Em busca de uma solução para o problema, seus olhos vasculham a estante próxima onde se encontra a coletânea de publicações do EGCF e detêm-se nos "Estatutos dos Militares" e na "Lei de Inatividade". E antes que exausto se sente frente à sua mesa e comece a meditar friamente, salta-lhe no cérebro a centelha que poderá ocasionar a combustão total de seu passado militar — transferência para a reserva aos vinte e cinco anos de serviço ! Segue-se uma quadra de troca de idéias com os companheiros e consulta a chefes que se configura como um estado febril do paciente. Vencida esta fase relativamente breve, o doentio oficial experimenta uma reação positiva que se assemelha a uma ressaca. Uma sensação mista de remorso, medo e cólera é sentida. Se controladas suas emoções, a vítima reintegra-se no meio ambiente, retoma seus afazeres normais e pode ser dada como curada ou, em caso contrário, reclama evacuação. As perdas, em média, nestes casos, são numericamente insignificantes.

Mas passados alguns anos, novamente, o mal ataca e, desta vez, com maior impetuosidade, não o militar propriamente, mas o marido e pai. A indefesa vítima, via de regra, tem dois filhos em idade escolar. Vive segundo um padrão de vida bem modesto. Possui um seguro do GBOEx e, excepcionalmente, um carro pequeno adquirido mediante "módicas" prestações mensais saldadas a custo de economias forçadas. Com raras exceções é proprietário do imóvel em que reside. Se deseja gozar as férias algures com a família, ou matricular o primogênito em um estabelecimento de ensino credenciado, vê-se na contingência de recorrer a empréstimos, obtidos, na maioria das vezes, debaixo de inúmeras dificuldades, humilhações e extorsivos juros. Sua mulher cozinha e costura para equilibrar o orçamento da família, se não trabalha fora. A falsa posição que ocupa na sociedade exige uma renovação periódica de seu fardamento, mas, na verdade, os elevados preços cobrados pelos alfaiates especializados impedem sua boa apresentação em público. Suas atividades sociais recreativas limitam-se a troca de visitas informais, no âmbito do restrito círculo de amizade que mantém, e a ir ao cinema vez por outra no mês. Enfim, sua vida sintetiza-se em uma verdadeira luta pela sobrevivência, agravada pela constante preocupação com um futuro interrogativo. Este segundo acesso se concretiza, em princípio, quando uma transferência inesperada e inoportuna a alcança ou no fim de cada mês, ao saldar seus débitos crescentes. Nestas ocasiões, os interesses particulares logicamente se sobrepõem aos ideais mais puros e a mente de um ser adulto sofre de novo o impacto do sincretismo peculiar da infância. É o micróbio da doença investindo sem piedade sobre o paciente que, extrovertendo seu estado emocional, entra em depressão.



Habitado a raciocinar dentro da tática, o nosso "herói" põe-se a fazer um consciencioso estudo da situação, analisa o problema a fundo, com toda a riqueza de detalhes própria desses trabalhos, estima as possibilidades do "inimigo", aquilata os meios que conta para lutar e finalmente chega às linhas de ação que pode adotar.

Estudando a situação, desfilam no seu pensamento as máximas que ouviu na Academia Militar: "Cadetes: ides comandar, aprendei a obedecer"; "A vida militar é um sacerdócio". "À Pátria tudo se dá e nada se pede, nem mesmo compreensão". Etc. Mas em um dado momento de lucidez conclui que tais adágios têm significado apenas para o tenente pleno de ilusões e entusiasmo. Agora que a escola do tempo lhe mostrara a vida como na realidade é, sua revolta interna agiganta-se e seu subconsciente faz com que comece a ver em todos seus superiores e em todas as prescrições regulamentares um adversário. E assim determina duas linhas de ação a seguir: prosseguir como um vivo-morto na carreira ou passar à inatividade aos vinte e cinco anos de serviço. Comparando às duas alternativas pesa as vantagens e desvantagens que se oferecem. Se permanecer na ativa, passará mais uns dez anos enfrentando transferências e os ônus que delas advêm, gozando do agradável espírito de companheirismo que irmana a família militar, findo o que terá vencimentos integrais na reserva, mas idade talvez avançada para lograr iniciar qualquer outra profissão no mundo civil. Provavelmente, terminará seus dias de soldado atrás de uma escrivaninha empoeirada, perdido entre papéis.

Se requerer transferência para a reserva aos vinte e cinco anos de serviço, disporá ainda de vigor físico para se dedicar a outra atividade, que lhe propicie melhores rendimentos e, conseqüentemente, padrão de vida mais elevado para seus dependentes; poderá fixar residência onde desejar e proporcionar educação mais acurada a seus filhos, embora vá sentir amargamente o afastamento da caserna.

Vistos os sintomas da doença e como reage o enfermo tomado por este nefasto mal, resta pesquisar suas origens a fim de que possam ser sugeridas medidas preventivas e prescrever-se um tratamento adequado.

Analisemos suas causas. O Exército é a nação em armas, portanto, reflete a imagem da sociedade. Assim sendo o Exército é uma instituição cujo instrumento fundamental será sempre o homem, qualquer que seja o progresso que a ciência e a técnica lhe imprimam. Cientificamente está comprovado que o homem é um ser em constante evolução bio-psico-social. Viver é conviver. Se não houver interação entre o homem e o meio, um destes dois elementos está fadado a não sobreviver. A sábia natureza concedeu ao homem um excelso privilégio — o raciocínio. Por conseguinte, a qualquer pessoa pode sobrevir um momento de ruptura com a estrutura de valores anteriormente aceita sem reação imediata, mas que com o tempo ganha nova conceituação.

Quando tal ponto é atingido é porque a principal característica da idade adulta — a maturidade — não foi alcançada em todos os sentidos. Porque maturidade se traduz também por ajustamento, que pressupõe



integração no meio com maior estabilidade e produção, ao mesmo tempo mais pessoal e socializada. E se tal ajustamento não é obtido gera uma repulsa total a tôdas condições tidas como normais. Em consequência, quando a comunidade reluta em não acompanhar a natural renovação sociológica por que passa a humanidade, e não se integra perfeitamente aos novos padrões e valores estabelecidos sucede infalivelmente a causa desta traiçoeira enfermidade — desajustamento. Desajustamento semelhante ao que experimenta uma ave aquática fora d'água, desajustamento de um ser que é parte do Exército, sendo o Exército também parte dêle, mas que não encontra no Exército lugar para ser soldado. Desajustamento de um ser que verificou praça porque de fato sua alma vibrava junto com a alma do canhão, mas que não pode ser acusado de fraco ou desprovido de ideal, simplesmente porque, com o amadurecimento, divisa com nitidez meridiana os angustiosos problemas que afligem a comunidade, sente-se com capacidade para solucioná-los, porém, sem autoridade para tomar decisões. Desajustamento de um ser racional que deu o que de melhor possuía, mas que em troca não recebeu o suficiente para se ajustar pessoal e socialmente.

Diagnosticada a origem do mal como sendo simples e puramente desajustamento, a melhor medida preventiva consiste em eliminar ou reduzir suas fontes para erradicá-lo.

Como terapêutica, para aquêles que contraem a moléstia com maior facilidade, os oficiais dos QG e repartições burocráticas, a mais indicada é o retôrno imediato aos quadros da tropa, onde entrarão em contato com o verdadeiro soldado — o que ainda acredita em continência e em tôdas aquelas sutilezas que moldam o profissional das armas. Todavia, se tal antídoto não fizer efeito positivo é preferível isolar o paciente, para não contaminar o grupo social militar.

Companheiro, se por acaso já experimentou os primeiros sintomas da "doença dos 25 anos", tente localizar o seu foco e combata-o impiedosamente. Não se deixe dominar por ela.

Em "A Anatomia das Revoluções", Crane Brinton, nos revela que o êxito de um movimento revolucionário depende muito mais da inépcia do governo, "ipso facto", do Exército, do que da eficiência de seus líderes. Quando falta uma estrutura sadia a um Exército, isto é, quando não há perfeita comunhão entre seus membros e a instituição resulta então desagregação ou quadros medíocres. E lembre-se: quadros doentes incapacitam o Exército, e mesmo o Exército incapaz "C" está predestinado à derrota. A História registra em suas páginas um sem-número de exemplos.

